

O Brasil quer mesmo mudar?

do The Economist

O Brasil introduziu uma nova moeda, o real, e a vinculou ao dólar como parte de seu mais recente plano para combater a inflação. A Argentina fez algo parecido, ainda em 1991, e conseguiu com sucesso reduzir sua taxa de inflação de 1.000% ao ano para menos de 4,0% agora. Mas faltou ao plano brasileiro um ingrediente importante para a vitória argentina: a criação de um conselho da moeda.

O conselho da moeda, assim como um banco central, emite moeda. Mas, ao contrário do banco central, só o faz com regras rígidas. O conselho emite moeda somente quando existem ativos estrangeiros suficientes para a lastrear. E não

faz muitas outras coisas: não efetua operações de "open market", não empresta a governos, não avaliza o sistema bancário.

A Argentina é a maior economia, mas não a única, que atou suas mãos na área monetária dessa maneira. Os defensores desse instrumento dizem que uma de suas maiores vantagens é que o conselho da moeda força o governo a adotar uma política fiscal responsável. Se o orçamento não é equilibrado, o governo precisa convencer os bancos privados a emprestar-lhe dinheiro; mandar o banco central imprimir dinheiro não é mais uma opção.

Os críticos dizem que a valorização excessiva da moeda nacional é um dos riscos de se ter o conselho. Nesse caso, como acontece na Argentina, o déficit comercial é um problema grave.

Neste caso, talvez os brasileiros sejam sensatos e por isso tenham rejeitado o conselho da moeda. Entretanto, também é provável que não queiram mesmo equilibrar o orçamento e derrotar a inflação.